

Cinema de Arte

promoção

organização

Acervo Digital direção

do

da
Clube de Cinema da Bahia

29 - Outubro - 1966

“O BANDIDO GIULIANO”

(“Salvatore Giuliano”)

FICHA TÉCNICA

Realizador — Francesco Rosi

Argumento e roteiro — Francesco Rosi, Suso Cecchi
d'Amico e Enzo Provenzale

Fotografia — Gianni di Venanzo

Música — Piero Piccioni

Interpretação — Salvo Randone e camponeses da
Sicília

Quando “Salvatore Giuliano” situou Francesco Rosi entre os grandes cineastas contemporâneos, não o fez de improviso. Esse napolitano, nascido em 1922, há muito ingressara no cinema. Fôra assistente de direção de Lucchino Visconti, Michelangelo Antonioni, Luciano Emmer, Mario Monicelli. Já realizara em 1958 “A provocação” e em 1960 “I magliari”. Mesmo assim, “Salvatore Giuliano” causou a sensação de se estar em presença de um autor completamente novo, com uma força e uma autenticidade singulares. E o Leão de Ouro que Rosi ganhou em Veneza com “Mani sulla città”, em 1963, apenas confirmou o respeito que o envolvia.

Se Jean Mitry afirma que Rosi é sem dúvida o mais brilhante representante do novo cinema italiano, Georges Sadoul escreve que ele deu um outro sentido ao neo-realismo e ao documentarismo. E Pierre Phillipe acrescentaria que seu lugar é fundamental para aqueles que vêm no cinema a mais importante de todas as artes.

Para Pierre Billard, “Salvatore Giuliano” atinge a condição de um admirável afresco histórico, à altura das grandes lições de Eisenstein, parecendo por seu verismo haver sido filmado por um fotógrafo de atualidades que possuísse gênio.

Há nele uma inspiração social e humanista, que não serve de pretexto para variações formalistas, porque verdadeiramente o tema do filme. Um tema, aliás, dentro da realidade contemporânea, com um enraizamento que vai até o regionalismo, sem perder a universalidade.

Um filme-manifesto, talvez. De uma reconstituição histórica que chega ao estilo mais próximo da “vida tal qual ela é”, segundo o desejo artístico de primitivos como Louis Feuillade: a impressão que o filme provoca é a de que teria sido realizado sem qualquer digressão lírica, numa cronologia seguida, e só posteriormente, para lhe imprimir um ritmo, Rosi o desarticulou para uma forma de sucessivos retrospectos.

Outra impressão que o filme transmite, através de suas imagens admiravelmente enquadradas, reside em que Rosi deve ter estudado atentamente as fotografias da época para sobre elas criar as suas.

Embora todo o assunto seja o famoso bandido siciliano, Rosi tomou o original partido de não mostrá-lo: ele permanece quase totalmente ausente da tela e quando a câmara o foca é dentro da obscuridade de um quarto ou já morto. Dir-se-ia que a idéia foi conservar Giuliano um mito.

Não obstante, o filme determinou uma enorme polêmica na Itália, inclusive no Congresso, abrindo-se um inquérito parlamentar para verificar a procedência do relato sobre a importância e as ramificações da Máfia.

Sem usar atores profissionais, Rosi obteve dos camponeses da Sicília uma interpretação de justeza notável.

Pode-se então concluir que importa menos nesse filme a figura do bandido legendário do que um retrato de sua terra durante os anos imediatos à guerra.

Episódios a serem destacados: a ocupação da aldeia de Giuliano pelos carabinieri; a revolta das mulheres cujos maridos foram presos; a morte de Giuliano; a exposição de seu cadáver num pátio; o fusilamento dos camponeses que retomavam as terras.

Enfim, para repetir Georges Sadoul: a mais importante obra da geração cinematográfica italiana dos anos 60.

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMOS PROGRAMAS

Dia 5/11 — **“As noites de Cabíria”**, de Federico Fellini

Dia 12/11 — **“O assassino”**, de Elio Petri

Dia 19/11 — **“As amigas”**, de Michelangelo Antonioni

Dia 26/11 — **“A moça com a valise”**, de Valerio Zurlini